

Entre a experiência e a validade clínica: perspectivas e implicações metodológicas para a Psicologia Humanista-Fenomenológica

Among experience and clinical validity: perspectives and methodological implications for Humanist-Phenomenological Psychology

Paulo Coelho Castelo Branco¹

 <https://orcid.org/0000-0003-4071-3411>

Universidade Federal do Ceará
Brasil

Lucas Guimarães Bloc

 <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

Universidade de Fortaleza
Brasil

Resumo

Este artigo objetiva demarcar, segundo uma revisão narrativa, algumas perspectivas metodológicas do campo de estudos clínicos da Psicologia Humanista-Fenomenológica. Inicialmente, explica em que consiste a Psicologia Humanista, como uma ciência da experiência consciente. Argumenta que ela historicamente congrega diversas filiações epistemológicas e metodológicas com manifestações nomotéticas e idiográficas. Em seguida, define essas manifestações e aponta que sua diversidade está implicada na discussão sobre a validade clínica de estudos e intervenções sobre a experiência consciente; contudo, é possível (re)pensar a ideia de validade segundo um referencial fenomenológico. Posteriormente, apresenta e discute algumas perspectivas metodológicas de pesquisas nomotéticas e idiográficas que possibilitam avanços quantitativos e qualitativos na clínica humanista em suas variadas abordagens. Conclui-se que assumir o caráter contrastante, porém circular, de valor científico pode contribuir para enriquecer e avançar a Psicologia Humanista-Fenomenológica brasileira.

Palavras-chaves: ciência (métodos de pesquisa); fenomenologia; pesquisa qualitativa; pesquisa quantitativa; psicologia humanista.

Abstract

This paper aims to demarcate, according to a narrative review, some methodological perspectives in the field of clinical studies of Humanistic-Phenomenological Psychology. Initially, it explains what Humanistic Psychology consists of, as a science of conscious experience. It argues that its history combines several epistemological and methodological affiliations with nomothetic and idiographic manifestations. It then defines these manifestations and points out that their diversity is implicated in the discussion about clinical validity of studies and interventions on conscious experience; however, it is possible to (re)think the idea of validity according to a phenomenological framework. Subsequently, it presents and discusses some methodological perspectives of nomothetic and idiographic research that enable quantitative and qualitative advances in the humanist clinic in its various approaches. It concludes that assuming the con-

¹ O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por conceder a bolsa produtividade (PQ-Nível 2, Processo: 304445/2022-3) que apoiou esta pesquisa.

trasting, but circular, character of scientific value may enrich and advance Brazilian Humanistic-Phenomenological Psychology.

Keywords: science (research methodology); phenomenology; qualitative research; quantitative research; humanistic psychology.

Com uma proposta organizada de ciência e profissão, a Psicologia Humanista é orientada para compreender, apreciar e avaliar experiências pessoais conscientes com vias a expandir suas esferas individuais, relacionais e grupais de realização. A partir do seu firmamento na década de 1960, pela *American Psychological Association* (APA), a Psicologia Humanista passou a congregiar diversas abordagens com variadas orientações metodológicas de pesquisa e intervenção, passando por perspectivas fenomenológicas, existenciais, pragmatistas, neopositivistas, holísticas, sistêmicas, hermenêuticas, construcionistas e pós-modernas (Society for Humanistic Psychology, 2023). Neste esteio, alguns psicólogos humanistas pensaram os desafios presentes na consolidação e atualização do seu campo científico cotejando reflexões metodológicas sobre o estudo da experiência consciente (Bugental, 1963; Maslow, 1966; Rogers, 1985; Gendlin, 1992; Franco et al., 2008; Giorgi, 2010; Wertz, 2015).

Ao congregiar as tradições nomotéticas e idiográficas de se pensar e fazer ciência (Allport, 1964/2022), em suas filiações metodológicas, a Psicologia Humanista, indica uma necessidade de abertura para os delineamentos de pesquisas experimentais (Maslow, 1956) e quase-experimentais (Gendlin & Rogers, 1967), assim como apresenta um horizonte de aproximação com a Fenomenologia e o Existencialismo, com a ressalva que essas filosofias sejam aplicadas à intervenções psicológicas e pesquisas científicas (Maslow, 1960/1980, 1962/1970), e sejam implicadas à compreensão/reflexão do ser-humano em suas manifestações e dilemas no mundo (May, 1967/2009). Neste ponto, ocorreu um diálogo entre as perspectivas positivistas e fenomenológicas de ciência psicológica (Kuenzli, 1959; Rogers, 1964; Steinkraus & Van Kaam, 1967; Giorgi, 1970/1978; Moustakas, 1994) e psicoterapia (May, 1958). Em suma, muitos psicólogos de orientação humanista procuraram adaptar e desenvolver procedimentos qualitativos e quantitativos de pesquisa sobre diversos fenômenos concernentes à experiência consciente (Dryden, 2017), sobretudo no campo da Psicologia Clínica.

Há, portanto, uma demarcação histórica que posiciona, do ponto de vista metodológico, a Psicologia Humanista no processo de construção de suas práticas e no desenvolvimento de suas teorias, que podem fomentar importantes horizontes. Além disso, é importante salientar que, no Brasil, a Psicologia Humanista circula e é disseminada a partir de vínculos teóricos e práticos com a Fenomenologia, em específico na clínica e na pesquisa empírica, ao passo que houve o desenvolvimento de uma Psicologia Humanista-Fenomenológica (Gomes & Castro, 2010; Holanda, 2022), a partir de expoentes locais - como Mauro Amatuzzi, Virginia Moreira, Adriano Holanda, William Gomes e Jorge Ponciano Ribeiro, apenas para citar alguns exemplos - que produziram várias obras que semearam tais disseminações. Em

suma, a Psicologia Humanista-Fenomenológica, no Brasil, distingue-se da matriz estadunidense ao desenvolver e implicar mais os aportes filosóficos europeus às dimensões clínicas e de pesquisa, ocasionando em versões filosoficamente mais fenomenológicas na abordagem centrada na pessoa (Moreira, 2007) e na Gestalt-Terapia (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007), por exemplo. Logo, enquanto a filosofia fenomenológica era vista com ressalvas pelos psicólogos humanistas nos EUA (May, 1958; Kuenzli, 1959; Maslow, 1960/1980, 1962/1970), no Brasil ela foi alimentada em termos teóricos, ocasionando em desenvolvimentos reflexivos sobre diversos fenômenos que acometem o ser-humano, práticos e de pesquisa, que integram as perspectivas humanistas estadunidenses e filosóficas fenomenológicas europeias (Amatuzzi, 2009).

A partir desse breve panorama sobre o estatuto científico da Psicologia Humanista, pergunta-se: quais perspectivas metodológicas possibilita(ria)m avanços na Psicologia Humanista-Fenomenológica? Destarte, objetiva-se demarcar algumas perspectivas metodológicas do campo de estudos clínicos para a Psicologia Humanista-Fenomenológica.

Trata-se de um estudo bibliográfico de revisão narrativa (Rother, 2007), que buscou artigos, capítulos, dissertações, teses e livros que dialogam com o mencionado objetivo e que foram compilados a partir de buscas por informações relacionadas aos métodos e às discussões metodológicas e científicas nas abordagens psicológicas humanistas e fenomenológicas. Com base nisso, este texto, inicialmente, estabelece uma ponderação sobre a ideia de validação de intervenções nas perspectivas nomotéticas e idiográficas de ciência; posteriormente, elabora isso a partir de exemplos de variadas pesquisas de orientação humanista e humanista-fenomenológica.

Validade e experiência na psicologia clínica humanista-fenomenológica

A ideia de validade, embora polissêmica, pode ser operacionalizada em uma lógica de avaliação clínica, a partir da obtenção de informações consideradas válidas por uma comunidade científica. Assim, a validade clínica trata da obtenção e associação de indicadores singulares (subjetivos e idiográficos) ou de um conjunto de indicadores gerais (objetivos e nomotéticos) que são compartilhados com a finalidade de entender o que afeta um sujeito no contexto clínico (Tavares, 2003).

Embora remeta ao neokantismo de Wilhelm Windelband e seu discípulo Heinrich Rickert, no cerne das discussões entre as validações das Ciências Naturais e Ciências do Espírito como visões de mundo (Wu, 2017), no campo da Psicologia Humanista, a questão de conciliar as dimensões nomotéticas e idiográficas de pesquisa clínica podem ser remetidas ao célebre questionamento de Rogers (1955/2020) sobre *Pessoa ou Ciência? Uma questão filosófica*. Basicamente, ele intenciona conciliar uma postura científica que busca extrair princípios objetivos e organizar procedimentos relacionais que culminam na mudança de personalidade com uma atitude

clínica preocupada em considerar a experiência alheia, acessá-la e compreendê-la em suas próprias nuances. Assim, o autor humanista aborda a questão da objetividade do cientista (nomotético) e a subjetividade do terapeuta experientialista (idiográfico) na clínica.

Em linhas gerais, o termo nomotético alude à capacidade de o cientista tornar algo próprio (singular) em uma coisa geral ou universal. Para isso, busca extrair (deduzir) uma ordenação natural na manifestação de um fenômeno na natureza, independente da forma como isso é vivenciado e manifesto no espaço e tempo. Esse raciocínio permite ao psicólogo obter princípios (leis/fórmulas) que explicam a manifestação de um fenômeno clínico relacionado à personalidade e ao seu tratamento. Para isso, é preciso se valer de instrumentos e métodos próximos aos modelos de Ciências Naturais (Allport, 1937).

Em suma, a perspectiva nomotética indica que o fenômeno se apresenta da mesma forma diversas vezes, independente do espaço, tempo e observador, e por isso alude às propriedades que podem ser extraídas como dados e formuladas em termos de princípios universais que explicam a manifestação de um objeto. Geralmente, a abordagem quantitativa de pesquisa ampara os procedimentos dessa perspectiva (Turato, 2005).

O termo idiográfico, por outro lado, indica uma capacidade de o cientista tornar algo singular evidente. Para isso, empenha-se em valorizar as dimensões singulares de manifestação do fenômeno, compreendendo que cada aparição é única em um espaço e tempo. Na clínica, reconhece-se que a experiência de quem vive (cliente) e visa o fenômeno (terapeuta) interfere em sua manifestação, pela dimensão dos sentidos, significados e juízos de valores. Por isso, não se estabelece explicações e generalizações, mas descrições, compreensões e interpretações, o que aproxima a Psicologia das Ciências do Espírito ou Ciências Sociais e Humanas (Allport, 1937).

Em epítome, a perspectiva idiográfica argumenta que o fenômeno não se manifesta da mesma forma diversas, dado que cada manifestação é dotada de singularidades. Além disso, o observador (sua experiência e percepção) e o momento em que a manifestação acontece afetam as nuances do fenômeno. Logo, não se busca extrair leis e princípios gerais que explicam o fenômeno, mas se busca descrever e compreender sua manifestação em suas singularidades. Comumente, essa perspectiva se vale da abordagem qualitativa de pesquisa que oferece suporte para a organização de informações e a análise dos seus significados (Turato, 2005).

Com efeito, a Psicologia Humanista apresenta um dilema epistemológico relacionado ao seu objeto de estudo e intervenção e à adequação metodológica para o seu acesso (Castanõn, 2007). Considerando a experiência consciente como esse objeto, praticamente, qualquer fenômeno pode ser investigado desde que seja vivido, intencionado e possa ser expresso para um pesquisador e clínico. Assim, a experiência consciente se trata de um objeto de estudo complexo em razão das suas

manifestações objetivas e subjetivas, que suscitam métodos oriundos de campos epistêmicos diferentes.

Conforme o panorama anteriormente apresentado, a Psicologia Humanista, desde a sua fundação, herda e conduz de Allport uma discussão entre as perspectivas nomotéticas e idiográficas de pensar e fazer ciência (Maslow, 1962/1970, 1966), ao passo que o seu campo de desenvolvimento possibilita diversas perspectivas metodológicas e de ciência contrastantes – por exemplo, o delineamento quase-experimental rogeriano (Gendlin & Rogers, 1967) e o desenho fenomenológico empírico de Giorgi (1997/2008). No que concerne à clínica, também, observa-se perspectivas contrastantes a partir de modelos submetidos a comprovações científicas, como a Terapia Centrada no Cliente (Rogers, 1951/1992), e perspectivas psicoterapêuticas desenvolvidas e legitimadas fora desse discurso, como a Gestalt-Terapia (Perls et al., 1951/1997).

Portanto, é pela coexistência dessas perspectivas que o campo humanista foi fundado e avançou no domínio científico, produzindo diferentes desdobramentos e sofrendo com dilemas que decorrem do contraste entre as perspectivas nomotéticas e idiográficas. Pondera-se que um motivo importante para a coexistência das perspectivas na construção da Psicologia Humanista decorre da Rede Eupsiquiana organizada por Maslow, nos anos de 1950, que antecedeu a formalização da Psicologia Humanista, na década de 1960. Essa Rede congregou diversas abordagens e perspectivas de Psicologia e Clínica que incluíam nomes como, por exemplo, Gordon Allport, Carl Rogers, Adrian Van Kaam, Kurt Goldstein, Erich Fromm, Rollo May e Fritz Perls (Castanõn, 2007). Estes partiam de lugares e discursos epistemológicos diferentes e na Rede Eupsiquiana e na Sociedade de Psicologia Humanista, em seus eventos e mecanismos de publicação, interagem uns com os outros.

Ante a essa variedade de abordagens clínicas e de pesquisa, permanece o desafio de como investigar os fenômenos clínicos que concernem ao terapeuta, ao cliente e à relação, além do uso de técnicas, diagnósticos e instrumentos. Nesse sentido, o objetivo de uma validação clínica de estirpe humanista-fenomenológica não é rotular, mas descrever, a partir dos recursos disponíveis, a experiência de uma pessoa para produzir conhecimento sobre os elementos que compõem um determinado fenômeno.

Assim, buscam-se evidências de que mudanças terapêuticas ocorrem e são possíveis de serem compreendidas. Para tanto, a Psicologia Humanista-Fenomenológica não necessariamente precisa trabalhar com uma lógica tradicional de validade clínica amparada pelo atendimento de critérios estatísticos de estrutura fatorial, consistência interna, estabilidade temporal e princípios de fidedignidade e confiabilidade em seus instrumentos (Turato, 2013). Em uma visada alternativa, que pode complementar a lógica tradicional, busca-se validar a clínica pelos significados que lhe são associados e relações com indicadores considerados relevantes (Turato, 2005).

Logo, a validade clínica não está reduzida ou restrita, especificamente, a um delineamento metodológico ou instrumento nomotético e idiográfico, por si só (Tavares, 2003); mas, vincula-se a uma situação total composta por inferências sobre as informações obtidas e construídas em torno do fenômeno terapêutico e atinentes às articulações teóricas de uma abordagem humanista-fenomenológica, constantemente em validação a partir do que se evidencia na relação.

A despeito de existirem diversos entendimentos do que é a experiência consciente, sobretudo no campo humanista-fenomenológico (Amatuzzi, 2007), é possível apontar e operacionalizar que esse objeto de estudo e intervenção se manifesta a partir de vivências vinculadas a fluxos emocionais que são subjacentemente simbolizadas e expressadas verbal e sub verbalmente, além de se manifestar via aprendizados e apreensões de uma realidade pessoal e compartilhada (Gendlin, 1962). É justamente essa perspectiva que possibilita o estudo da experiência consciente em sua manifestação segundo uma lógica de validade clínica que adentra as dimensões idiográficas e nomotéticas de ciência, pois se tratam de dimensões fenomenológicas da experiência manifesta no mundo a partir de constituintes objetivos e subjetivos (Van Kaam, 1959/2018).

É nessa multidimensionalidade entre ciência e experiência que a avaliação da intervenção clínica pode incidir para analisar o que a torna válida em seus constituintes. No campo da Saúde Coletiva, incorporar as questões subjetivas, intersubjetivas e objetivas presentes em serviços ambulatoriais, clínicos e hospitalares implicam em reconhecer que o mesmo acontece na pesquisa e suscitam estratégias de cuidado à saúde e de investigação sobre esse fenômeno (Ayres, 2004a, 2004b).

Com efeito, estudos avaliativos sobre a eficiência de um processo clínico implicam em um entendimento polissêmico da noção de qualidade, sem recair em tensões semânticas dualistas em relação à ideia de quantidade. Ou seja, estudar as qualidades de uma intervenção clínica implica em investigar o estatuto multidimensional dos fenômenos clínicos em seu caráter intrínseco e extrínseco, objetivo, subjetivo e relacional. O reconhecimento disso evoca o uso de estratégias de avaliação da qualidade do cuidado à saúde que tendem a superar contornos metodológicos positivistas historicamente demarcados (Bosi & Uchimura, 2007).

Deste modo, é possível distinguir validações de serviços de saúde, a partir de avaliações sobre: o êxito de um procedimento, elucidando os seus elementos formais; os juízos dos profissionais e clientes envolvidos no processo terapêutico sobre o que ocorreu; os próprios instrumentos e recursos de pesquisa para acessar os fenômenos clínicos (Bosi & Uchimura, 2007). Próximo a esses elementos, Fuchs (2013) indica o caráter fenomenológico que constitui a experiência humana em termos da subjetividade expressa pela primeira pessoa, objetividade manifesta pela terceira pessoa e intersubjetividade envolvida entre o eu e o outro. Essas experiências acontecem de forma explícita e implícita dependendo da perspectiva de acesso e análise do fenômeno.

No que concerne à primeira pessoa, o aspecto remete à impressão de uma experiência (tomada de consciência sobre ela) em termos de sensações, percepções, sentimentos, crenças, juízos, decisões e ações, assim como a expressão disso (Fuchs, 2013). Em termos de pesquisa, isso implica no fomento de autorrelatos e autodescrições (Turato, 2005).

Em relação à segunda pessoa, adentra-se uma interatividade a partir dessas expressões na relação que envolve uma consciência sobre a experiência que o outro tem de si. Esse envolvimento acontece pela esfera comunicacional (ação de tornar algo comum) e ocorre mediante compreensões e interpretações da experiência em foco (Fuchs, 2013). Métodos qualitativos compreensivos e hermenêuticos se apresentam como uma possibilidade para adentrar essa esfera (Turato, 2005).

A perspectiva da terceira pessoa implica uma dimensão mais objetiva e unilateral da situação, do outro e dos objetos que estão na relação. Tratam-se de manifestações que podem ser situadas e medidas em um espaço e tempo e podem, também, ser alvo de inferências a partir de referenciais externos (Fuchs, 2013). Aqui o uso de instrumentos de avaliação psicológica possibilita acesso a essa dimensão (Noronha et al., 2005).

Portanto, observa-se que a Psicologia Humanista-Fenomenológica, em suas aproximações com os campos nomotético e idiográfico de ciência, preocupa-se em investigar a experiência consciente em suas múltiplas dimensões que suscitam variadas estratégias de acesso metodológico e produção de conhecimento. Essa visada reúne possibilidades de observar, descrever, compreender, interpretar e intervir sobre o fenômeno clínico exigindo o domínio de conhecimentos diversos e contrastantes, que não são contraditórios, pois partem do mesmo fenômeno que é complexo e rico em se tratando da experiência humana (Fuchs, 2013). Ao final, conforme o argumento de Gomes (2022), existe um psiquismo, porém há diversos modos para acessá-lo e pesquisá-lo, a depender de quais manifestações fenomenológicas se intenciona visar. Com base nisso, demarcam-se alguns exemplos de perspectivas nomotéticas e idiográficas de pesquisa que apresentam implicações ao desenvolvimento do campo da Psicologia Clínica Humanista-Fenomenológica.

Perspectiva nomotética na Psicologia Humanista

O surgimento e desenvolvimento inicial da Psicologia Humanista foi amplamente atravessada pela perspectiva nomotética de pesquisa científica, buscando, de forma sistemática, evidências científicas que amparassem as práticas e os argumentos clínicos. O primeiro estudo de resultados controlados de psicoterapia foi relatado por Rogers e Dymond (1954) a partir do uso do delineamento quase-experimental e variados instrumentos de avaliação psicológica sobre os efeitos da terapia centrada no cliente. É fato que, no final dos anos 1960, Carl Rogers se distancia da academia e da pesquisa científica, algo considerado por muitos um erro que teve repercussões na validação das intervenções de orientação humanista

(Elliott, 2013).

Mais de sessenta anos do movimento feito por Rogers, é preciso discutirmos o posicionamento que se assume no campo da pesquisa clínica, considerando seus relevantes questionamentos, mas também reconhecendo o contexto histórico que baliza o campo científico. A partir dos anos 1990, o reengajamento na pesquisa foi um movimento cunhado, sobretudo, no contexto europeu e a partir daqueles que seguem uma via, pode-se dizer, mais experimental. Apesar disso, é preciso que se considere em que medida tal direção também pode negligenciar princípios fundamentais da Psicologia Humanista, especialmente, quando baseados em pressupostos reconhecidamente positivistas (Elliott, 2013).

No contexto brasileiro, segue-se um caminho de pesquisa eminentemente qualitativo e, por vezes, avesso a vias nomotéticas, o que incita a uma reflexão das possíveis lacunas que se produz diante de tal distanciamento. Se, de um lado, é preciso considerar que houve uma maior aceitação de outros modelos de pesquisa, de cunho qualitativo e, por vezes, fenomenológicos, por outro, houve também um questionamento que não é anódino dos modelos de alinhamento naturalista com a prática clínica. Ainda que as pesquisas em psicoterapia tenham produzido evidências sobre sua efetividade (Elliott, 2013; Angus et al., 2015), o caminho entre a experiência e a busca de validade clínica tem se configurado como um dilema no desenvolvimento científico das práticas de orientação humanista-fenomenológica. Neste tópico, apresentamos algumas revisões e pesquisas que envolvem uma dimensão nomotética no contexto da Psicologia Humanista.

Ao longo de várias décadas, foram realizadas centenas de estudos que avaliam os efeitos e os resultados pré e pós-terapia de práticas de psicoterapia que envolvem as psicoterapias humanistas e/ou experienciais. Em termos gerais, pode-se dizer que existem múltiplas linhas de evidências científicas que sustentam a psicoterapia humanista (Angus et al., 2015; Elliott et al., 2021). Estas evidências, que são reconhecidas como válidas, se estruturam, sobretudo, sob uma lógica nomotética para amparar a pesquisa em psicoterapia.

Em uma pesquisa recente, Elliott et al. (2021) analisam os resultados de pesquisas recentes sobre psicoterapias humanistas-experienciais, incluindo a Terapia Centrada na Pessoa, Terapia Focada nas Emoções, Gestalt-terapia e Psicodrama, entre outras. Trata-se de uma meta-análise de 91 estudos sobre a eficácia/efetividade dessas psicoterapias que foram publicadas entre 2009 e 2018. Entre os principais resultados, destaca-se: 1) grande mudança em estudo pré-pós intervenção; 2) em estudos controlados, os clientes mostraram grandes ganhos em relação a clientes que não passaram por terapia; 3) estudos comparativos de resultado apontaram equivalência estatística e clínica em relação a outras terapias; 4) estas terapias se mostraram mais eficazes com dificuldades de relacionamentos interpessoais, atividades autodestrutivas, enfrentamento de condições médicas crônicas e psicose, além de apresentar resultados mistos para depressão e ansiedade.

Os autores reconhecem, com certa esperança, o ressurgimento de abordagens humanistas baseadas em evidência em rápido desenvolvimento que se contrapõe com modelos que caminham para a hegemonia como a Terapia Cognitivo-Comportamental. Por exemplo, situamos uma adesão da Gestalt-Terapia a esse discurso de prática baseada em evidências (Rafagnino, 2019). Logo, este debate não se limita a uma dimensão clínica e de pesquisa, mas também possui aspectos políticos e econômicos que podem determinar a sobrevivência, ou não, de certas práticas.

Um exemplo da linha tênue deste debate é a pesquisa publicada por Barkham et al. (2021) que apresenta, de forma pragmática, os resultados de um ensaio clínico randomizado que buscava examinar o custo efetividade e a não inferioridade da Terapia Experiencial Centrada na Pessoa (PCET) em relação a Terapia Cognitivo-Comportamental. Do ponto de vista científico, e também político, este estudo reage ao aumento significativo do uso da TCC pelo governo do Reino Unido ao implantar, em 2008, uma iniciativa chamada *Improving Access to Psychological Therapies* (IAPT). Como resultado, o estudo constatou que a PCET não se mostrava inferior à TCC no tratamento da depressão no período de seis meses após a randomização e que ambas eram seguras e bem toleradas pelos clientes. Já no período de doze meses após a randomização, a TCC se mostrou superior.

Trata-se aqui das duas terapias psicológicas mais utilizadas no serviço IAPT e os achados indicam a necessidade de investimento no treinamento e utilização da PCET. Aponta-se argumentos válidos cientificamente para sustentar a necessidade de investimentos. Seria este um caminho para a Psicologia Humanista? Como dito anteriormente, existem dados que validam as intervenções oriundas da Psicologia Humanista. No entanto, é preciso também reconhecer os riscos e limites deste caminho nomotético no campo clínico. No estudo de Barkham et al. (2021), ainda que assumam desde o início a lógica pragmática escolhida, utiliza-se um único instrumento em terceira pessoa, com nove itens sobre a saúde dos clientes, para avaliar os resultados da psicoterapia.

Outro instrumento, que segue a lógica do anterior, trata-se do *Barrett-Lennard Relationship Inventory*, criado por um colaborador de Rogers para mensurar e avaliar fluxos de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática no processo terapêutico a partir de escalas sobre essas condições clínicas. Este instrumento é amplamente validado e aplicado no cenário internacional (Chen et al., 2021).

Ainda que os modelos mais reconhecidos de pesquisa, como os ensaios clínicos randomizados, sejam utilizados também como via de referência de validade também das psicoterapias humanistas, é preciso considerar, como aponta Freire (2006b) e Shean (2014), que há um limite, e mesmo uma controvérsia, em tais modelos. Entre eles, pode-se destacar o enraizamento das práticas baseadas em evidência em teorias comportamentais e a distância de princípios fundamentais que

se calcam na relação terapêutica e na experiência subjetiva, como é o caso da Psicologia Humanista (Freire, 2006b).

No Brasil, merece menção o estudo doutoral de Freire (2006a), como uma manifestação humanista nomotética, a partir da validação de um instrumento originário da Escócia e de base rogeriana, para avaliar os efeitos da psicoterapia em termos de mudança de personalidade: o *Inventário Strathclyde*. Este consiste em 51 itens desenvolvidos em uma escala *lickert* e remete a teoria da pessoa em funcionamento pleno. Conquanto Freire (2006a) tenha demonstrado que o instrumento apresentou consistência interna, não há registros de estudos posteriores que o empreguem no cenário brasileiro. Eis um recurso profícuo e disponível para avaliar intervenções humanistas-fenomenológicas.

Considerando que há uma história da Psicologia Humanista que se alinha com a perspectiva nomotética, parece haver um presente e futuro que parece não escapar desta via. Nesse sentido, as mencionadas perspectivas metodológicas buscam estudar os elementos que provocam as eficiências das intervenções e os efeitos terapêuticos na relação interpessoal. O ponto principal parece ser pensar como as práticas oriundas da Psicologia Humanista podem se posicionar de forma crítica em relação a isso e, ainda que possam seguir a perspectiva nomotética na pesquisa e na prática, não se tornem reféns e nem sucumbam a tentações objetivistas e naturalistas.

Perspectiva idiográfica de pesquisas em Psicologia Humanista

A pesquisa em clínica fenomenológica tem uma história vasta. Surge inspirada na filosofia de Edmund Husserl e na sua elaboração metodológica e filosófica. Perpassa a apropriação do método fenomenológico e suas implicações na constituição de uma: Psicopatologia de inspiração fenomenológica, por Karl Jaspers; Psicoterapia e Psicopatologia Fenomenológica-Existencial, pelas perspectivas de Ludwig Binswanger e de Medard Boss; Psicologia Humanista-Existencial, a partir de Rollo May. Esta tradição de clínica fenomenológica e existencial chega ao Brasil e é desenvolvida por psicólogos humanistas que investigam diversos fenômenos e procedimentos clínicos (Gomes & Castro, 2010).

É nesse desenvolvimento local que se situa o recurso das versões de sentido, elaborado por Mauro Amatuzzi (2019), como uma ferramenta qualitativa de base humanista e fenomenológica que consiste em realizar perguntas que direcionam o psicoterapeuta no sentido de obter descrições referentes ao que foi vivido no encontro clínico após o seu término. Basicamente, trata-se de um autoregistro e monitoramento da experiência do psicoterapeuta que expressa os sentidos e significados do que lhe afetou no encontro clínico. Inicialmente, concebido como um recurso formativo empregado em supervisões de atendimentos, as versões de sentido se popularizaram, também, como um procedimento qualitativo de coleta de dados, empregado em pesquisas que investigam a formação e atuação de psi-

coterapeutas (Cordovil et al., 2021).

Em termos de coleta de dados, a elaboração de roteiros não-estruturados e semiestruturados de entrevista a partir de uma orientação fenomenológica, também, tem sido uma estratégia empregada para organizar perguntas que visam provocar direcionamentos da consciência, acesso à experiência e expressões verbais de sentidos e significados relacionados a um determinado fenômeno (Gomes, 1997). Nessa orientação de elaboração e conduta para extrair informações de sujeito, a entrevista fenomenológica tem sido um profícuo recurso de coleta de dados sobre a experiência alheia com implicações para pesquisas compreensivas e avaliativas (Simões & Souza, 1997; Barreira & Ranieri, 2013).

A partir disso, versões de sentido e entrevistas são atreladas a diversos métodos de análise dos dados. Dentre eles, cumpre destacar o emprego do método fenomenológico empírico, desenvolvido, inicialmente, por psicólogos humanistas como Van Kaam (1959/2018) e Giorgi (1997/2008). Em suma, este método objetiva a partir de relatos coletados por entrevistas, organizar as informações de modo a identificar os diversos fluxos de vivências sobre um determinado fenômeno, de modo a mapear suas significações em diversos momentos e identificar semelhanças entre o que foi relatado pelos sujeitos entrevistados. As unidades de significação levantadas e comparadas possibilitam uma base para categorizações e discussões sobre as qualidades de um fenômeno investigado a partir de uma linguagem psicológica que interessa à pesquisa. No Brasil, o método fenomenológico empírico encontrou diversas manifestações (Holanda, 2022) e transformações com implicações para pesquisas clínicas (Moreira, 2004), sobretudo na abordagem centrada na pessoa (Alves & Turato, 2023), na Gestalt-Terapia (Andrade & Holanda, 2019), no exame de atitudes humanistas (Fontgalland et al., 2018), investigação de transtornos psicológicos (Tostes, 2022) e análise de narrativas compreensivas aos encontros clínicos na ludoterapia (Bezerra, 2021).

Outro método de análise dos dados que surgiu no cerne da Psicologia Humanista, que apresenta influências fenomenológicas e existenciais, é o método heurístico de Moustakas (1994). Este sistematiza uma atitude e uma conduta metodológica para organizar experiências do pesquisador e do participante a partir de uma imersão e residência em seu processo de investigação e na (re)descoberta dos fatores tácitos, intuitivos, sentidos e significativos constituintes de uma determinada experiência (Brisola & Cury, 2016). Aponta-se uma pesquisa heurística compreensiva à experiência de ser trans-homem com implicações para o trabalho psicológico (Bernadino, 2020).

Com variações relacionadas aos empregos desses procedimentos de coleta e análise de dados, é possível, também, indicar o uso de variados delineamentos de pesquisa. Destaca-se o estudo de caso, um desenho de pesquisa que pode congrega diversos métodos sobre um indivíduo ou grupo social com determinadas características que serão investigadas em profundidade para adentrar suas par-

ticularidades. Frequentemente, usado na psicoterapia, estudos de caso único ou múltiplos são empregados para estudar e relatar intervenções relacionadas a várias experiências tratadas (Serralta et al., 2011). Em uma aplicação, Mota (2012) apresenta um estudo de caso que investiga os movimentos terapêuticos de tratamento de um cliente com problemas de incongruência e desorganização da personalidade. Além disso, Souza, Melo e Moreira (2020) propõem uma articulação metodológica entre o estudo de caso e o método fenomenológico para estudar situações clínicas e experiências de adoecimento sob uma ótica humanista; Melo, Aquilino, et al. (2018), também usam esse desenho para descrever a experiência de depressão de uma cliente atendida no referencial da Gestalt-Terapia e Psicopatologia Fenomenológica.

De forma semelhante, pode-se indicar a etnografia como um desenho de pesquisa que permite aplicar diversos procedimentos qualitativos de coleta e análise de dados para investigar serviços e intervenções humanistas. Com vias de acesso para possibilitar uma antropologia da experiência, a etnografia, situa, descreve e investiga, vivências em seus contextos culturais. Assim, propõe realizar uma compreensão integrativa de fenômenos socioculturais presentes em indivíduos e grupos sociais. Logo, é possível realizar articulações metodológicas entre a etnografia e o método fenomenológico (Moreira & Cavalcante Jr., 2008).

Para tanto, a etnografia, frequentemente, ampara-se de métodos (auto)observacionais para estabelecer critérios sobre o que se está vivendo na imersão cultural, além de empregar o diário de campo como um instrumento de (auto)registro das experiências vividas em um campo de pesquisa (Silva, 2013). Martins (2022), por exemplo, usa esse recurso para relatar sua experiência de implantação e atuação em um serviço de aconselhamento psicológico *on-line* de orientação humanista para atender migrantes e refugiados em uma instituição jesuíta. A partir da compilação de diários de campo de terapeutas humanistas-fenomenológicos que facilitaram grupos de escuta *on-line* a universitários em sofrimento emocional durante a pandemia de Covid-19, analisou-se as temáticas referentes às dimensões terapêuticas do cuidado (Bloc et al., 2022)

Com base na etnometodologia, que intenciona pensar as organizações simbólicas e linguísticas imersas nas construções de significados sobre certas experiências práticas e atividades cotidianas, o método da análise de conversa pode ser empregado para pesquisas clínicas que avaliam o impacto de intervenções sobre determinados grupos sociais (Alberti et al., 2021; Krüger et al., 2022). Essa proposição pode ser aplicada a pesquisas clínicas humanistas e fenomenológicas.

Outro desenho de pesquisa consolidado nas ciências sociais e humanas, é a pesquisa-ação que consiste em congregiar procedimentos qualitativos de coleta e análise dados para entender um problema em um contexto social ou laboral, diagnosticar suas fontes e características, implementar uma ação para resolvê-lo, avaliar o que funcionou, ou não, e refazer o percurso. Inspirado nisso, Castelo-Branco

(2022) propõe um desenho de pesquisa-ação para aprimorar práticas humanistas a partir de procedimentos que partem do registro de ideias, teorias e conceitos sobre um fenômeno, envolvem o planejamento e implantação de um serviço de orientação rogeriana, aplicam as intervenções terapêuticas cabíveis à abordagem centrada na pessoa, realizam um (auto)monitoramento e registro dessas intervenções, a partir do uso de versões de sentido, e avaliam os seus resultados com base no método fenomenológico empírico para avaliar os efeitos da prática pela percepção dos clientes. Lima (2022) aplica este desenho para investigar intervenções centradas em pessoas com problemas de imagem corporal e baixa autoestima; e, Cruz (2022) usa o mesmo desenho para investigar um serviço de Gestalt-Terapia de curta duração *on-line* em clientes com problemas de isolamento social, empregando o diário de campo como recurso de automonitoramento das intervenções e utilizando a análise de conteúdo como método para avaliar os efeitos delas pela percepção dos clientes atendidos.

Outros métodos de orientação idiográfica podem ser indicados sem necessariamente envolver diretamente sujeitos empíricos em pesquisas sobre fenômenos clínicos. Por exemplo, Barbosa e Casarini (2021) empregam o método da análise documental para coletar e investigar registros e relatos de atendimentos clínicos humanista-fenomenológicos em um serviço de plantão-psicológico. Depois, empregaram uma análise de conteúdo para discutir as experiências de intervenção.

Em comum, as perspectivas idiográficas sintetizadas e apontadas neste tópico, possibilitam um desenvolvimento do campo da Psicologia Clínica Humanista-Fenomenológica, a partir de desenhos de pesquisa (Estudo de Caso, Etnografia, Etnometodologia, Pesquisa-Ação), métodos de coleta de dados (versões de sentido, entrevistas, diários de campo, narrativas e análise documental) e métodos analíticos de informações (método fenomenológico empírico, método heurístico, análise de conversa e análise de conteúdo) que são consolidados nas ciências humanas e sociais. Em especial, a perspectiva fenomenológica e o seu método empírico de pesquisa cumprem um papel fundamental na circulação de pesquisas humanista-fenomenológicas, sobretudo, na investigação de procedimentos clínicos, experiências de sofrimento em clientes e formação e atuação de psicoterapeutas.

Considerações finais

Conclui-se que há um caráter contrastante e circular de valor científico em que a Psicologia Humanista-Fenomenológica pode operar a partir de suas fundações e aplicações nomotéticas e idiográficas. No juízo dos autores deste texto, muito além de um dilema epistemológico ou de uma controvérsia a ser resolvida, é a possibilidade de circularidade entre essas perspectivas que deve ser contemporaneamente alimentada para o desenvolvimento e a disseminação do campo da Psicologia Humanista-Fenomenológica no Brasil. Trata-se de uma abertura de possibilidades científicas para que o psicólogo humanista, neste viés, possa tomar co-

nhecimento da diversidade de recursos metodológicos disponíveis para investigar a experiência humana e transitar de forma criativa, criteriosa e crítica sobre suas variadas manifestações fenomenológicas. Reduccionismos sobre qual perspectiva de ciência humanista é mais válida do que a outra parece não alcançar a complexidade que é investigar a experiência humana, sobretudo, na clínica; e porta, ainda, o risco do não reconhecimento do limite de cada método utilizado. Logo, enfatiza-se que tal postura deve servir ao uso dos métodos que melhor se adequam ao objeto de estudo.

Finalmente, recomenda-se: a tradução, adaptação e validação de instrumentos de orientação humanista e fenomenológica para o público brasileiro; que avancemos na (re)criação de instrumentos e procedimentos de pesquisa, buscando alternativas a expressões metodológicas já estabelecidas e recorrentes no cenário brasileiro, como as versões de sentido, entrevistas fenomenológicas e o método fenomenológico empírico; o desenvolvimento de mais pesquisas avaliativas de serviços e intervenções humanistas e humanistas-fenomenológicas; o emprego de delineamentos mistos (quantitativos e qualitativos) para produzir conhecimento na clínica.

Referências

- Allport, G. (1937). *Personality: a psychological interpretation*. Holt.
- Allport, G. (2022). Imaginação em psicologia: alguns passos necessários. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 11(1), 01-17. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v11i1.1112> . (Original publicado em 1964).
- Alberti, M., Krüger, W., Almeida, A., & Stenzel, L. (2021). Análise microetnográfica da (co)produção da transexualidade em um atendimento clínico. *Psicologia & Sociedade*, 33, e228146. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33228146>
- Alves, V., & Turato, E. (2023). Investigación cualitativa: entrevista inspirada en el Enfoque Centrado en la Persona. *Espacio ECP*, 4(1), 30-52. <https://drive.google.com/file/d/1r0x0y0fqxVgUvPII18Y89W4wVVzUWsB2/view>
- Amatuzzi, M. (2007). Experiência: um termo chave para a Psicologia. *Memorandum*, 13, 8–15. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6699>
- Amatuzzi, M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(1), <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Amatuzzi, M. (2019). *Por uma psicologia humana* (5a ed). Alínea.

- Andrade, C., & Holanda, A. (2019). Sentidos da psicoterapia: teoria e prática da Gestalt-Terapia. Juruá.
- Angus, L., Watson, J. C., Elliott, R., Schneider, K., & Timulak, L. (2015). Humanistic psychotherapy research 1990-2015: from methodological innovation to evidence-supported treatment outcomes and beyond. *Psychotherapy research: journal of the Society for Psychotherapy Research*, 25(3), 330–347. <https://doi.org/10.1080/10503307.2014.989290>
- Ayres, J. (2004a). O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(3), 16–29. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300003>
- Ayres, J. (2004b). Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 8(14), 73-92. <https://www.scielo.org/pdf/icse/2004.v8n14/73-92/pt>
- Barbosa, F., & Casarini, K. (2021). Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola. *Psicologia em Estudo*, 26(26), e46700. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.46700>
- Barkham, M., et al. (2021). Person-centred experiential therapy versus cognitive behavioral therapy delivered in the English Improving Access to Psychological Therapies service for the treatment of moderate or severe depression (PRaC-TICED): a pragmatic, randomized, non-inferiority trial. *The Lancet. Psychiatry*, 8(6), 487-499. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(21\)00083-3](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(21)00083-3)
- Barreira, C., & Ranieri, L. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Artesã.
- Bernadino, M. (2020). Ser-trans: transmasculinidade e corporeidade em situação [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPR. <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/78649>
- Bezerra, M. (2021). A experiência intersubjetiva na ludoterapia humanista: uma perspectiva fenomenológica. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Repositório PUC-Campinas. http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15585/ccv_ppgpsico_dr_Mharianni_CSB.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Bloc, L., Araújo, J., Leite, J., Barreto, S., Carneiro, K., Melo, A., Boris, G., & Moreira, V. (2022). Virtual clinical listening groups for psychological intervention with university students in the COVID-19 Pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 3(13), 772698. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.772698>

- Bosi, M., & Uchimura, K. (2007). Avaliação da qualidade ou avaliação qualitativa do cuidado em saúde? *Revista de Saúde Pública*, 41(1), 150–153. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000100020>
- Brisola, E., & Cury, V. (2016). Researcher experience as an instrument of investigation of a phenomenon: an example of heuristic research. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 95–105. <https://doi.org/10.1590/1982-027520160001000010>
- Bugental, J. (1963). Humanistic Psychology: a new breakthrough. *American Psychologist*, 18(9), 563–567. <https://doi.org/10.1037/h0048666>
- Castañón, G. (2007). Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. *Memorandum*, 12, 105-124. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6714/4287>
- Castelo Branco, C. (2022). Proposição de um modelo de pesquisa-ação para aprimorar práticas humanistas centradas na pessoa: apontamentos metodológicos. *Revista Interação em Psicologia*, 26(1), 01-25. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/76883/46514>
- Chen, S., Liao, F., Murphy, D., & Joseph, S. (2021). Measurement Invariance of the English, Chinese, and Spanish Versions of the Barrett-Lennard Relationship Inventory. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 55(1), 30–47. <https://doi.org/10.1080/07481756.2021.1955212>
- Cordovil, J., Vieira, E., Alves, V., Pinheiro, P., & Rodrigues, C. (2021). Alteridade na prática da abordagem centrada na pessoa a partir de versões de sentido de terapeutas iniciantes. *Contextos Clínicos*, 14(2), 01-24. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.142.02>
- Cruz, C. (2022). Gestalt-terapia de curta duração on-line em experiências de isolamento social: um estudo baseado na pesquisa-ação. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal da Bahia]. Repositório UFBA. https://psicologiasaudeims.ufba.br/sites/psicologiasaudeims.ufba.br/files/gestalt-terapia_de_curta_durao_online_em_experencias_de_isolamento_social_ver_1.pdf
- Dryden, W. (2017). Humanistic Psychology: possible ways forward. In R. House., D. Kalisch., & J. Maidman (Eds.). *Humanistic Psychology: current trends and future prospects* (pp. 26-29). Routledge.
- Elliott, R. (2013). Research. In M. Cooper, M. O'Hara, P. Schmid & A. Bohart (Eds.). *The Handbook of Person-Centred Psychotherapy & Counselling* (2a ed., pp. 468-481). Palgrave Macmillan.
- Elliott, R., Watson, J., Timulak, L. & Sharbanee, J. (2021). Research on humanistic-experiential psychotherapies: Updated review. In M. Barkham, W. Lutz & L. Castonguay (Eds.). *Bergin and Garfield's Handbook of Psychotherapy and*

- Behavior Change (7a ed., pp. 421–467). Wiley.
- Fontgalland, R., Moreira, V., & Melo, C. (2018). A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 5-20. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v70n1/02.pdf>
- Franco, Z., Friedman, H., & Arons, M. (2008). Are qualitative methods always best for humanistic psychology research? A conversation on the epistemological divide between humanistic and positive psychology. *The Humanistic Psychologist*, 36(2), 159-203. <https://doi.org/10.1080/08873260802111242>
- Freire, E. (2006a). Desenvolvimento de um instrumento de avaliação de resultados em psicoterapia baseado na teoria da mudança terapêutica de Carls Rogers [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul] Repositório UFRGS. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7885>
- Freire, E. (2006b). Randomized Controlled Clinical Trial in Psychotherapy Research: an epistemological controversy. *Journal of Humanistic Psychology*, 46(3), 323–335. <https://doi.org/10.1177/0022167806286276>
- Fuchs, T. (2013). The phenomenology and development of social perspectives. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 12(4), 655-683. <https://doi.org/10.1007/s11097-012-9267-x>
- Gendlin, E. (1962). *Experiencing and the creation of meaning: a philosophical and psychological approach to the subjective*. Free Press of Glencoe.
- Gendlin, E. (1992). Celebrations and problems of humanistic psychology. *The Humanistic Psychologist*, 20(2-3), 447-460. <https://doi.org/10.1080/08873267.1992.9986809>
- Gendlin, E., & Rogers, C. (1967). The design of the research. In C. Rogers, E. Gendlin, D. Kiesler & C. Truax (Eds.). *The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics* (pp. 23-37). University of Wisconsin Press.
- Giorgi, A. (1978). *A Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Interlivros. (Original publicado em 1970).
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In J. Poupart et al. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 386-409). Vozes. (Original publicado em 1997).
- Giorgi, A. (2010). The crisis of humanistic psychology. *The Humanistic Psychologist*, 15(1), 5–20. <https://doi.org/10.1080/08873267.1987.9976779>

- Gomes, W. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305–336. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>
- Gomes, W. (2022). Limitações e inconsistências das definições sintéticas para psicologia. *Memorandum*, 39, 01-18. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2022.35827>
- Gomes, W., & Castro, T. (2010). Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 81–93. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500007>
- Holanda, A. (2022). *Perspectives on phenomenological psychology: brazilian experiences*. Editora Fi.
- Krüger, W., Stenzel, L., & Almeida, A. (2022). Análise microinteracional de um primeiro atendimento psicoterápico: a negociação da agenda institucional nas intervenções clínicas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 61(1), 303–324. <https://doi.org/10.1590/010318131173421620220201>
- Kuenzli, A. (Org.). (1959). *The Phenomenological problem*. Harper & Brothers Publishers.
- Lima, M. C. (2022). *Terapia centrada em pessoas com demandas de imagem corporal e auto-estima: pesquisa-ação*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal da Bahia] Repositório UFBA. https://psicologiasaudeims.ufba.br/sites/psicologiasaudeims.ufba.br/files/terapia_centrada_em_pessoas_com_demandas_de_imagem_corporal_e_autoestima_-_pesqu_2.pdf
- Martins, B. (2022). *A experiência etnográfica de imersão e proposição de um trabalho psicológico humanista on-line em uma instituição de Belo Horizonte que cuida de migrantes: o projeto Escuta Sem Fronteiras* [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais] Repositório UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/46294/3/dissertaçãofinal.pdf>
- Maslow, A. (1956). Toward a humanistic psychology. *ETC: A Review of General Semantics*, 14(1), 10-22. <https://www.jstor.org/stable/42581639>
- Maslow, A. (1966). *The psychology of science: a reconnaissance*. Gateway.
- Maslow, A. (1970). *Introdução à psicologia do ser*. Eldorado. (Original publicado em 1962).
- Maslow, A. (1980). *Psicologia existencial: o que há nela para nós?*. In R. May (Org.). *Psicologia existencial* (pp. 57-66). Globo. (Original publicado em 1960).

- May, R. (1958). The origins and significance of the existential movement in psychology. In R. May, E. Angel & H. Ellenberger (Orgs.). *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology* (pp. 03-36). Basic Books.
- May, R. (2009). *Psicologia e dilema humano* (2a ed.). Vozes. (Original publicado em 1967).
- Melo, A., Aquilino, J., Bloc, L., Moreira, V., & Boris, G. (2018). Alice no País das Maravilhas: a experiência de depressividade no diálogo entre gestalt-terapia e psicopatologia fenomenológica. *Memorandum*, 34, 150–170. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6864>
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447–456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. Annablume.
- Moreira, V., & Cavalcante Jr., F. (2008). O método fenomenológico crítico (ou mundano) na pesquisa em psico(pato)logia e a contribuição da etnografia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 249–265. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10742>
- Mota, C. (2012). "A fuga de André": uma intervenção psicoterapêutica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(supl 1), 809–820. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500017>
- Moustakas C. (1994). *Phenomenological research methods*. Sage Publications.
- Müller-Granzotto, M., & Müller-Granzotto, R. (2004). *Fenomenologia e Gestalt-Terapia*. Summus.
- Noronha, A., Primi, R., & Alchieri, J. (2005). Instrumentos de avaliação mais conhecidos/utilizados por psicólogos e estudantes de psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 390–401. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300013>
- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-Terapia*. Summus. (Original publicado em 1951).
- Rafagnino, R. (2019). Gestalt-Therapy effectiveness: a systematic review of empirical evidence. *Open Journal of Social Sciences*, 7(6), 01-18. <https://doi.org/10.4236/jss.2019.76005>
- Rother, E. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

- Rogers, C. (1964). Toward a science of the person. In T. Wann (Org.). *Behaviorism and Phenomenology: contrasting bases for modern psychology* (pp. 109-131). University of Chicago Press.
- Rogers, C. (1985). Toward a more human science of the person. *Journal of Humanistic Psychology*, 25(4), 07-24. <https://doi.org/10.1177/0022167885254002>
- Rogers, C. (1992). *Terapia centrada no cliente*. Martins Fontes. (Original publicado em 1951).
- Rogers, C. (2020). Pessoa ou ciência? Uma questão filosófica. In J. Wood et al. (Orgs.). *Abordagem Centrada na Pessoa* (pp. 117-142). Companhia Ilimitada. (Original publicado em 1955).
- Rogers, C., & Dymond, R. (Eds.). (1954). *Psychotherapy and personality change*. University of Chicago Press.
- Serralta, F., Nunes, M., & Eizirik, C. (2011). Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(4), 501-510. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400010>
- Silva, M. (2013). *Psicologia Humanista e educação popular na atenção primária à saúde*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba] Repositório UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4777/1/arquivototal.pdf>
- Shean, G. (2014). Limitations of randomized control designs in psychotherapy research. *Advances in Psychiatry*, 561452. <https://doi.org/10.1155/2014/561452>
- Simões, S., & Souza, Í. (1997). Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 5(3), 13-17. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691997000300003>
- Society for Humanistic Psychology (2023). About Division 32. <https://www.apadivisions.org/division-32>
- Souza, C., Melo, A., & Moreira, V. (2020). O espaço vivido de Ana: um estudo de caso clínico na perspectiva da psicopatologia fenomenológica. *Trends in Psychology*, 28, 16-30. <https://doi.org/10.9788/s43076-019-00010-5>
- Steinkraus, W., & Van Kaam, A. (1967). Existential foundations of Psychology. *Philosophy and Phenomenological Research*, 28(1), 140-41. <https://doi.org/10.2307/2105343>
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-usf*, 8(2), 125-136. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200004>

- Tostes, G. (2022). Vivências de pessoas com transtorno bipolar: um estudo fenomenológico. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas] Repositório PUC-Campinas. http://repositorio.sis.puccampinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/16507/ccv_ppgpsico_dr_Guilherme_WT.pdf?sequence=1&iAllowed=y
- Turato, E. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507–514. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- Turato, E. (2013). Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humana (6a ed). Vozes.
- Van Kaam, A. (2018). Análise fenomenal: exemplificada por um estudo da experiência de "realmente se sentir compreendido". *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 260-264. <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.14> (Original publicado em 1959).
- Wertz, F. (2015). Humanistic Psychology and the qualitative research tradition. In K. Schneider, J. Pierson & J. Bugental (Eds.). *The handbook of humanistic psychology: leading edges in theory, research and practice* (2a ed., pp. 259-272). SAGE.
- Wu, R. (2017). Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. *Revista Estudos Filosóficos UFSJ*, 5, 01-13. <http://seer.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2311>

Nota sobre os autores:

Paulo Coelho Castelo Branco é pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista. Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: pauloccb branco@gmail.com

Lucas Guimarães Bloc é pós-Doutor em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica. E-mail: bloclucas@gmail.com

Data de submissão: 07.05.2023

Data de aceite: 15.01.2024